

CHARLOTTE NICOLE DAVIS

*Westworld encontra
O conto da aia em uma
fantasia de tirar o fôlego*

GAROTAS DE SORTE

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO, VENDA E REPRODUÇÃO PROIBIDAS.



Planeta minotauro

CHARLOTTE NICOLE DAVIS

GAROTAS DE SORTE

Tradução
Isadora Prospero



Copyright © Charlotte Nicole Davis, 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Copyright da tradução © Isadora Prospero
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Good Luck Girls*

Preparação: Fernanda Cosenza
Revisão: Maitê Zickuhr e Valquíria Matioli
Projeto gráfico e diagramação: Maria Beatriz Rosa
Capa e ilustração de capa: Helena Hennemann | Foresti Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Davis, Charlotte Nicole
Garotas de Sorte / Charlotte Nicole Davis; tradução de Isadora
Prospero. – São Paulo: Planeta, 2022.
304 p.

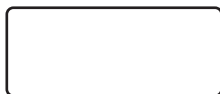
ISBN 978-65-5535-736-3
Título original: *The Good Luck Girls*

I. Ficção norte-americana I. Título II. Prospero, Isadora

22-1639

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
I. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br



I

DOZE HORAS ANTES

A MÃO DE ÁSTER ANSIAVA POR UMA FACA, mas ela se contentou com um punho fechado.

Do canto do quarto cor de ameixa, ela observava Mãe Fleur mostrar a Clementina seus novos aposentos luxuosos – um contraste notável com o dormitório precário onde as garotas da aurora dormiam. Áster engoliu um gosto amargo na boca enquanto a irmã absorvia o ambiente. Como toda Garota de Sorte, Clem estava começando seu décimo sexto aniversário sendo recebida no mundo das garotas do crepúsculo – e acabaria o dia ali, naquele quarto, em sua Noite de Sorte.

Era isso que fazia Áster desejar uma arma – a ideia da irmã presa naquele lugar com um dos vermes que frequentavam a casa de boas-vindas. Mas não adiantava resistir ao que a esperava – não quando uma palavra mal-educada era o suficiente para ter a mente devastada por um famélico. O único jeito de vencer era roubar qualquer momento de felicidade quando ninguém estivesse olhando.

Mãe Fleur pigarreou, parecendo notar o silêncio emburrado de Áster.

— Não tenho dúvida de que essa careta horrorosa está fixada em seu rosto a essa altura, Áster, mas seria de bom-tom mostrar um pouco mais de entusiasmo com o grande dia de sua irmã — ela alertou.

Clementina virou-se para Áster.

— É só que ela não gosta de acordar cedo — a irmã explicou, ansiosa.
— Nunca gostou. Vamos, Áster, sorria para Mãe Fleur.

Áster virou-se para Mãe Fleur e expôs os dentes. A mulher comprimiu os lábios em uma linha fina, com um olhar extremamente familiar de

desaprovação. Áster sabia que nunca fora uma das preferidas da madame da casa. Não porque já tivesse desobedecido a ela abertamente — ela se recusava a dar a Mãe Fleur o prazer de puni-la —, mas porque sempre fora como o seu punho fechado ao lado do corpo. Tensa. Hostil. Esperando uma chance para atacar.

Aquela fúria fervilhante só queimava com mais intensidade nos últimos dias. Áster não conseguia parar de pensar sobre sua própria Noite de Sorte, pouco mais de um ano antes, quando Mãe Fleur a vendera para um homenzinho magrelo com olhinhos maliciosos. Ela prometera a Áster que ficaria orgulhosa naquela noite, que se tornaria uma mulher.

Mas ela não se tornara uma mulher. Tornara-se uma sombra com bile no lugar do sangue e um poço de vergonha no coração. A única coisa que a impedia de entregar-se ao fundo daquele poço era o fato de que Clementina precisava dela.

Áster não achava possível se sentir mais impotente do que quando aquele primeiro homem pôs as mãos nela, mas estava errada. Isso era pior.

— Eu diria que você me deve um pedido de desculpas, não acha, Áster? — Mãe Fleur continuou, claramente insatisfeita. — Ou preciso ter uma palavrinha com Dex?

O chefe dos famélicos.

Áster soltou os dedos.

— Perdão, Mãe Fleur — ela murmurou. — Clem tem razão. Faz tempo que não acordo tão cedo.

Mãe Fleur lhe deu um olhar frio e cético, mas não insistiu.

— Bem, essas manhãs preguiçosas são um dos muitos privilégios que Clementina terá no futuro como uma garota do crepúsculo — ela disse com falsa alegria. — Agora, precisam de mim lá embaixo para abrir a casa. Mas confio que você é capaz de acomodar sua irmã...?

— Será um prazer.

Mãe Fleur segurou o olhar desaprovador por mais um momento, então se virou para Clementina e abriu um sorriso largo.

— Nesse caso, feliz aniversário, Clementina — ela disse em um tom pomposo. — Verei vocês duas no café da manhã.

A mulher saiu.

Assim que Mãe Fleur estava fora de vista, Clementina soltou um gritinho de alegria e pulou de costas na cama, fazendo a saia do vestido amarelo inflar como um sino ao seu redor.

— Pelo Vêu! Este quarto é digno de uma princesa. Acho que é maior até que o seu.

Apesar de suas apreensões, Áster sorriu. Ela cruzou os braços.

— É mesmo? Não vejo janelas, como no meu. Mas aposto que você tem razão, este é maior mesmo. Sua mimada.

A verdade era que ela aceitaria até o menor quarto da casa, contanto que pudesse ter uma janela. Adorava assistir ao nascer do sol atrás das montanhas, a luz vertendo-se como ouro líquido no vale onde dormia Córrego Verde. A casa de boas-vindas ficava perto do centro da cidade, o que dava a Áster uma vista de praticamente tudo — das lojinhas arrumadas que ladeavam a Rua Principal até o muro que cercava a cidade, cuja argamassa era misturada com pó de teomita para manter espíritos vingativos a distância.

Aquela vista era uma fuga — a única que ela tinha.

— Mimada coisa nenhuma — Clementina protestou. — Eu trabalhei duro por este quarto... e esta *cama*. Olhe, até os travesseiros têm travesseiros.

— Melhor que aqueles beliches com cheiro de mijo lá em cima? — Áster perguntou.

— Muito. — Clementina se sentou, seu sorriso murchando. — Mas acho que tem que ser.

Uma sensação fria e pegajosa escorreu pela barriga de Áster.

— Não pense nisso agora — ela disse, colocando Clem de pé. — Vamos pegar suas coisas e deixar este lugar aconchegante.

A empolgação de Clementina retornou.

— Certo, se formos logo podemos encontrar as outras antes de irem pra cozinha.

As “outras” eram Palminha e Malva, as duas melhores amigas de Clementina. Elas ainda moravam no sótão com as outras garotas que não tinham completado dezesseis anos. Até aquela manhã, Clementina trabalhara na cozinha com elas.

— É estranho não ter tarefas? — Áster perguntou quando elas saíram no corredor.

— Bem, não sinto falta delas, se é isso que quer saber — Clementina bufou. Seu sorriso esvaneceu. — Mas vou sentir falta de Palminha e Má.

— Elas fazem dezesseis daqui a, o quê, três e quatro meses? Logo vão ser garotas do crepúsculo também — Áster a tranquilizou.

— Certo. E eu ainda vou vê-las por aí, então não é tão ruim — Clementina acrescentou.

Áster hesitou um momento.

— Certo. É verdade.

Mas claro que não seria o mesmo, nem um pouco. Garotas do crepúsculo e da aurora viviam vidas separadas e, quando se cruzavam, havia uma barreira implícita entre elas, como o Véu entre os vivos e os mortos. Clementina não poderia falar sobre o trabalho com as garotas da aurora — mas, para as garotas do crepúsculo, a única coisa que existia era o trabalho.

Áster ouvira muitas vezes que devia ser grata por esse trabalho. Garotas de Sorte nunca passavam fome, sempre tinham um teto sobre a cabeça e iam ao médico e ao dentista duas vezes por ano. Entreter os gabolas também significava que podiam usar roupas com as quais outras garotas apenas sonhavam, e desfrutar de um estoque infinito de cardo-doce.

Era muito mais do que a maioria das pessoas podia esperar em Arketta, especialmente na Chaga, a cordilheira de montanhas escarpadas que cortava o país no meio. Nos dias do antigo Império, qualquer pessoa considerada criminoso era banida para trabalhar nas minas, que ficavam em sua extensão erma e ventosa. Alguns haviam sido capturados em Arketta, nos campos de batalha onde resistiam contra os ataques do Império. Outros foram enviados a Arketta em navios fedorentos de prisioneiros vindos das colônias. Sangues-sujos, eles eram chamados. Tinham o mesmo aspecto que o das pessoas normais, sangues-limpos, exceto pelo fato de que não projetavam sombra. Os primeiros sangues-sujos tiveram suas sombras arrancadas como parte de sua punição, e seus filhos nasceram sem elas. Era impossível pagar a dívida de um sangue-sujo. Se a princípio a pessoa devia dez águias por roubar, ao final do ano devia dez mil, por tudo: do pão embolorado que recebia como ração até o teto com vazamento sobre sua cabeça.

Agora, cerca de dois séculos após a queda do Império, havia mais sangues-sujos vivendo na Chaga do que nunca. Homens de negócios empreendedores tinham comprado terras e assumido a dívida dos sangues-

-sujos em troca do seu trabalho – um arranjo que ficara conhecido como o Acerto Final. Este dava aos sangues-limpas a oportunidade de se tornarem mestres de terras ricas e viver entre a elite de Arketta, e aos sangues-sujos a de pagar dívidas, que remontavam a gerações, para finalmente ganhar a liberdade da Chaga. Tinha funcionado bem para os donos de terra, mas os mineiros não ganhavam nada além de corpos quebrados e barrigas vazias. Morriam por doenças, engolidos por uma montanha ou rasgados pelas garras invisíveis de um vingativo. A lei garantia que não havia como escapar do Acerto Final – a fronteira de Arketta com seu vizinho industrial ao norte, Ferron, era protegida por seus melhores soldados e ninguém sem sombra podia cruzá-la.

Era assim que as casas de boas-vindas conseguiam garotas, pra começo de conversa. Olheiros encontravam famílias desesperadas com filhas jovens e se ofereciam para levá-las em troca de uma compensação módica. As garotas trabalhavam como criadas até completarem dezesseis anos, então serviam aos clientes até os quarenta. Elas não tinham que pagar por nada, mas também não recebiam salário. Era um acordo injusto – e todos sabiam disso –, mas, quando havia bocas demais para alimentar, quando um acidente nas minas deixava os pais incapazes de trabalhar, quando a alternativa era uma vida de sofrimento bruscamente interrompida, a casa de boas-vindas continuava sendo a única opção. Pelo menos a barriga ficaria cheia à noite. Pelo menos as necessidades médicas seriam atendidas. Na verdade, os latifundiários concordavam: as garotas tinham sorte de serem tão mimadas.

O único problema era que Áster nunca escolhera essa vida.

Nenhuma delas tinha escolhido, e nenhuma podia abandoná-la – não quando suas insígnias as marcavam pelo que eram, mesmo depois que atingiam a idade-limite. Por mais que os gabolas gostassem de falar sobre como as Garotas de Sorte tinham uma vida boa, nunca se lembravam de mencionar como a maioria morria nas ruas como pedinte. Em ocasiões extremamente raras, um gabola rico comprava uma garota de uma casa para seu uso pessoal. Mas isso não era muito melhor: depois de comprada, ela nunca atingia a idade-limite; era propriedade do gabola pelo resto da vida.

A mão de Áster foi até sua garganta, onde uma corrente de pétalas finas pontuava sua pele como estrelas negras reluzentes. Ela já pensara em

fugir. Era impossível não pensar. Mas as insígnias não eram só marcas de que alguém era propriedade de uma casa de boas-vindas – também eram enfeitadas. Se uma garota cobrisse a sua, com maquiagem ou um lenço ou qualquer outra coisa, a tinta se aquecia e brilhava como ferro no fogo: vermelha, a princípio, depois laranja, amarela e branca. A dor era suportável por alguns minutos, mas logo fazia mesmo a garota mais forte cair de joelhos, e levava horas para passar completamente.

Elas não podiam esconder nem remover suas insígnias. Não podiam sequer sair pela *porta*. Dex ficava de guarda no vestibulo, vigiando todas as entradas e saídas com seus olhos cor de ferrugem. Em teoria, estava lá para a proteção delas, mas todos sabiam que qualquer garota que tentasse passar por ele seria caçada e arrastada de volta para sofrer uma execução prolongada.

Áster costumava pensar que se acostumaria com a casa de boas-vindas e talvez até aprendesse a ver o glamour de sua situação, como muitas garotas faziam. A ilusão provavelmente tornava a vida mais suportável. Mas, para ela, não havia tempo capaz de transformar aquele barril de mijo em vinho. A única sorte que ela conseguia ver era que ela e Clementina ainda tinham uma à outra. A maioria das garotas nunca mais via sua família.

Na frente dela, Clementina chegou às escadas no fim do corredor e subiu os degraus de dois em dois, ágil e silenciosa. Áster seguiu, guiada pela memória muscular de modo a evitar os rangidos sob o carpete. Elas viraram um canto e atravessaram o terceiro andar, onde ficavam os aposentos privados de Mãe Fleur, então subiram mais uma escada até o sótão inacabado.

— Feliz Noite de Sorte, Clementina! — uma garota mais jovem desejou alegremente quando passou por elas a caminho do andar de baixo. Duas outras a seguiram, quase derrubando Áster na correria.

— Ah... perdão, senhorita Áster — uma delas balbuciou. Provavelmente não esperava ver uma garota mais velha ali em cima. Áster se encolheu com a deferência na voz da menina, como se apenas um ano antes ela mesma não fosse uma garota da aurora.

— Não tem problema — murmurou. *E não me chame de senhorita*, quis acrescentar. Mas é claro que elas só estavam obedecendo a ordens. Áster seguiu em frente.

O sótão fazia as vezes de dormitório improvisado e não tinha nada do luxo do resto da casa – só pisos descobertos com pregos tortos e o ar frio da manhã que se infiltrava pelas paredes. Um cordão de lamparinas de mineração projetava uma luz fraca e tremeluzente no ambiente. Um escorpião morto acomodado no peitoril da janela. De noite, quando tudo estava calmo, era possível ouvir um rangido nas vigas do teto onde uma garota tinha se enforcado com os próprios lençóis trinta anos antes – e, se você fosse tola o bastante para abrir os olhos, veria também o resquício da menina, pálido como a lua.

Mas era manhã, barulhenta e cheia de vida, e mais de vinte garotas da aurora corriam de um lado para o outro, preparando-se para ir trabalhar. Elas apressavam as amigas, arrumavam as camas e vestiam seus trajes de criada – linho verde rígido sob um avental branco impecável. Embora todas usassem o mesmo uniforme, seus corpos tinham todos os tamanhos, formatos e cores. Era de conhecimento geral que uma casa de boas-vindas que oferecia variedade atraía mais clientes.

Áster sentiu uma pontada de compaixão enquanto passava por entre os beliches. A maioria das Garotas de Sorte era sangue-sujo como ela e Clem; elas chegavam às casas esgotadas e famintas, sem ter sequer a própria sombra para lhes fazer companhia. As mais novas, com apenas dez anos, ainda tinham aquele aspecto macilento. À medida que cresciam, ficavam mais robustas e saudáveis – mas todas eram porcos engordados para o abate, e a maioria ainda nem tinha percebido.

Não pense nisso, Áster lembrou a si mesma. *Sorria. Por Clementina*. Ela soltou o ar e relaxou. Virou-se para o canto onde ficava o único espelho no dormitório, onde Clementina estava exibindo seu vestido para Palminha e Malva. As garotas inseparáveis sempre foram o oposto uma da outra – Palminha com cabelo desgrenhado cor de areia e pele branca e sardenta, Malva com pele escura e cabelo negro liso e curto. Aos quinze anos, elas eram das mais velhas no sótão – suas insígnias prestes a desabrochar. Florezinhas redondas pontilhavam o pescoço de Palminha como tufos de algodão, enquanto a insígnia de Malva era tão delicada quanto ela era grosseira, cada flor desabrochando em cinco pétalas no formato de corações.

— Não é o que vou usar hoje à noite, claro — Clementina estava dizendo quando Áster se aproximou. — Vou me trocar depois do leilão. Mas meu guarda-roupa já está cheio de novas maravilhas como esta.

— Está nervosa? — Palminha perguntou, puxando sua trança desalinhada.

Clementina hesitou, a resposta estampada no rosto, mas Malva lhe deu um empurrãozinho de incentivo no ombro.

— Claro que não, ela vai sair desta espelunca de uma vez por todas — disse a garota, olhando ao redor do sótão. Clementina lhe deu um olhar aliviado.

— Sim. O que quer que aconteça esta noite, acho que vai valer a pena para começar a viver como uma garota do crepúsculo — Clem disse.

Áster ficou à parte, observando-as com um aperto no peito. Ao contrário de Clementina, ela nunca tinha se aproximado de nenhuma outra garota. Era melhor assim. Ela não poderia perder pessoas se nunca as tivesse.

Mas teria sido bom ver um rosto amigável depois da minha Noite de Sorte, pensou. Clementina e as outras achavam que as coisas seriam melhores depois da maioridade. Áster não tinha coragem de dizer a elas que seria muito pior.

Em vez disso, forçou-se a abrir um sorriso e juntou-se a elas.

— Vamos, Clem, temos que descer para seu banquete de café da manhã em alguns minutos.

— Ah, oi, é bom ver você também, *senhorita* Áster — disse Malva, sem qualquer sinal da reverência das garotas na escada.

Palminha bufou.

— Prometa que não vai ficar importante demais pra dizer oi pra gente, Clem.

— *Senhorita* Clem — corrigiu Clementina com uma fungada.

Áster soltou o ar.

— Escutem, só estou aqui pra contar que crescer não vai impedir Mãe Fleur de tornar a vida de vocês um inferno se não fizerem o que ela manda. E ela disse pra você se acomodar no quarto novo antes do café. Onde estão suas coisas?

Clementina suspirou dramaticamente, mas conduziu-as até sua cama, ao pé da qual ficava um baú simples. Ela não precisaria mais de suas antigas roupas, então elas só reuniram seus bens mais preciosos: recados e desenhos que ela coletara das outras garotas ao longo dos anos, um jarro de pirulitos que sobraram do Dia do Acerto Final e uma pena vermelha empoeirada que ela encontrara limpando a chaminé.

— Mas e...? — Palminha perguntou por fim, erguendo a boneca de pano de Clementina.

Áster olhou para a irmã, cuja alegria vacilou por um momento. Mas então ela apertou os lábios e balançou a cabeça.

— Eu pareceria uma boba explicando essa velharia a um gabola — Clementina disse. — A última garota que dormia nessa cama deixou a boneca aqui para mim. Vou fazer o mesmo e deixá-la para a próxima.

A próxima, pensou Áster, melancólica.

Sempre há uma próxima.

